



# Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Socioambiental

FORMAÇÃO CONTINUADA E MULTIPLICADORA

**MÓDULO 1:**

## **DIREITOS DA NATUREZA - A NOSSA MÃE TERRA**

**TEXTO 3:**

### **A DIGNIDADE DA TERRA E SEUS DIREITOS**

Leonardo Boff

Brasília, 2020



## A dignidade da Terra e seus direitos

Até o presente momento, o sonho do homem ocidental e branco, universalizado pela globalização, é dominar a Terra e submeter todos os demais seres para deles auferir benefícios de forma ilimitada. Esse sonho, depois de dois séculos, implicou tanta violência que se transformou num pesadelo. Como nunca antes, o apocalipse pode ser realizado por nós mesmos, escreveu antes de morrer, o grande historiador Arnold Toynbee, a propósito das bombas atômicas sobre duas cidades do Japão e repetido também por Jean Paul Sartre. Com graves palavras lamenta o Papa Francisco em sua encíclica de ecologia integral “Sobre o cuidado da Casa Comum (2015): “Nunca maltratamos e ferimos a nossa Casa Comum como nos últimos dois séculos”(n.53).

A violência contra a natureza e a Terra ganhou tais dimensões que muitos cientistas afirmam que inauguramos uma nova era geológica, a **antropoceno**, vale dizer, o ser humano é a grande ameaça ao sistema-vida e ao sistema-Terra. Já que nos encontramos dentro da sexta extinção em massa, outros, face à devastação crescente da biodiversidade e do crescimento da violência entre os humanos, já falam na era do **necroceno**, isto significa, a era da destruição em massa da vida na natureza e na sociedade.

Por isso, impõe-se uma reconstrução de nossa humanidade e de nossa civilização com outro tipo de relação para com a natureza e com a Terra para que mantenham sua biocapacidade e a Terra continue a ser a nossa boa e generosa Mãe e Casa Comum.

### O pressuposto para os direitos da Terra: o resgate do contrato natural

Isso só ocorrerá, se refizermos o contrato natural com a Terra e se considerarmos que todos os seres vivos, portadores do mesmo código genético de base (os mesmos 20 aminoácidos e as 4 bases fosfatadas), formam a grande comunidade de vida como o entendeu a *Carta da Terra*. Todos eles têm valor intrínseco, independente do uso que fizemos deles, e por isso merecem respeito e são sujeitos de dignidade e de direitos.

Repetidamente em sua encíclica ecológica enfatiza o Papa Francisco que “todas as criaturas estão interligadas e deve ser reconhecido, com carinho e admiração, o valor de cada uma”(n. 42); “cada criatura possui um valor e um significado próprio”(n.76).

Sendo assim, vigora um contrato natural entre a Terra e a humanidade. Todo contrato é feito a partir da reciprocidade, da troca e do reconhecimento de direitos de cada uma das partes. Da Terra recebemos tudo: a vida e os meios de vida. Em retribuição, em nome do contrato natural, temos um dever de gratidão e de retribuição e de cuidado para que ela mantenha sempre a vitalidade para fazer o que sempre fez para todos nós.

Mas nós, há muito, rompemos esse contrato natural. Temos submetido a Mãe Terra a uma verdadeira guerra, no afã de arrancar-lhe, sem qualquer outra consideração, tudo o que achávamos útil para o nosso uso e desfrute. Essa volúpia fez com que, nos últimos 50 anos, ocorresse uma perda de 40% das florestas, 50% das áreas alagadas, 35% dos manguezais, o estoque de peixes fosse reduzido em 80% e que 25% das terras cultiváveis fossem perdidas. A Terra se viu privada de porções importantes de sua biodiversidade (entre 27-100 mil espécies dizimadas anualmente, segundo o biólogo E.

Wilson), com consequências graves para o seu equilíbrio ecológico mediante o aquecimento global e outros eventos extremos.

Somente recuperaremos esta situação degradante se refizermos o contrato natural. Devemos nos considerar como o filho pródigo e voltar, contritos, para a Terra, a Casa Comum e recomeçar um novo tipo de relação.

## **O refazimento do contrato natural com a Terra**

Esse novo tipo de relação não se faz por uma comovente retórica. Mas deve se traduzir por uma mudança de comportamento no sentido do respeito e do cuidado que ela merece. A Terra é nossa Mãe, a Pacha Mama dos andinos e a Gaia dos modernos. Se não restabelecermos esse laço de mutualidade, dificilmente ela conseguirá nos oferecer gratuitamente o que por milhões de anos nos galardoou a nós e a toda a comunidade de vida.

Pode, eventualmente, chegar a um ponto em que a Terra não nos queira mais sobre a sua face terrestre. Por isso que a sustentabilidade aqui é essencial, por constituir a base de um refazimento real do contrato natural. Ou ele se fará ou não é impossível que conheçamos uma tragédia para o sistema-vida e para a espécie humana, de dimensões nunca dantes vista na história.

Coisa surpreendente, apesar de todas as rupturas do contrato natural, a Mãe Terra nos envia ainda sinais positivos. Apesar do aquecimento global, da erosão da biodiversidade, o sol continua nascendo, o sabiá cantando de manhã, as flores sorrindo aos passantes, os colibris esvoaçando por sobre os botões dos lírios, as crianças continuam nascendo e a nos confirmar de que Deus ainda acredita na humanidade e que ela terá futuro.

Anima-nos o Papa Francisco em sua encíclica sobre *O cuidado da Casa Comum* com estas palavras: “O Criador nunca nos abandona, nunca recua no seu projeto de amor, nem se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da Casa Comum” (n. 13). E arremata com este apelo: “a humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças do estilo de vida, de produção e de consumo” (n.23).

Estas palavras traduzem o que devemos fazer para refundar o contrato natural num horizonte de confiança na força interna da Terra e da natureza e no Criador que nunca nos abandona e na capacidade de mudança do ser humano de inaugurar um novo estilo de relação para com a natureza e a Mãe Terra, de responsabilidade e de sinergia.

## **Os direitos da Mãe Terra**

O Presidente deposto da Bolívia, o indígena aymara Evo Morales Ayma, vem repetindo que o século XXI será o século dos direitos da Mãe Terra, da natureza e de todos os seres vivos. Em seu pronunciamento na ONU no dia 22 de abril de 2009, no qual estive pessoalmente presente, cabendo-me o discurso de fundamentação teórica da Terra como Mãe, elencou ele alguns destes direitos da Mãe Terra:

- o direito de sua regeneração e de sua da biocapacidade;
- o direito à vida, garantido a todos os seres vivos, especialmente aqueles ameaçados de extinção;
- o direito de uma vida pura, porque a Mãe Terra tem o direito de viver livre de contaminações e poluições de toda ordem;
- o direito do bem viver, propiciado a todos os cidadãos;
- o direito à harmonia e ao equilíbrio com todas as coisas da Mãe Terra;
- o direito de conexão com a Mãe Terra e com o Todo do qual somos parte;

Esta visão permite renovar o contrato natural para com a Terra que, articulado com o contrato social entre os cidadãos, acabará por reforçar a sustentabilidade planetária.

Para os povos originários tal atitude era natural. Nós, na medida em que perdemos a conexão com a natureza, perdemos também a consciência de nossa relação de reconhecimento e gratidão para com ela. Daí a importância de revisita-los e aprender deles o respeito e a veneração que a Terra merece.

### **Fundamentação teórica dos direitos da Mãe Terra**

Ao afirmarmos, como grande parte da comunidade científica sustenta, que a Terra é um Super Ente vivo, complexo, com uma miríade de seres vivos que compõem a biosfera, tem como consequência a admissão de que ela, igual e com muito mais razão que outros seres animados, é portadora de dignidade, própria de toda a vida e por isso, sujeita de direitos. Aos direitos correspondem deveres de nossa parte.

Afirmar que ela é portadora de dignidade e de direitos implica reconhecer que ela possui subjetividade e história. De alguma forma misteriosa, mas real, é dotada de capacidade de sentir, de possuir um propósito, de se reger por uma ordem racional interna, enfim, ser portadora de um grau próprio de espírito.

Há fundadas razões para esta compreensão. Inúmeros cosmólogos, dentro de uma perspectiva do único e grande processo cosmogênico, sustentam que o espírito é tão ancestral quanto a matéria. Ele existe a partir do momento em que se estabeleceram as primeiras relações entre as partículas primordiais entre si. O espírito significa precisamente esta capacidade de relações. Portanto, ele primeiramente estava e está no universo. O próprio universo, como sustenta sempre o grande matemático e físico Amit Goswami (*O universo autoconsciente, Record 2002*) é habitado pelo espírito. Ele é autoconsciente.

As quatro energias fundamentais, a gravitacional, a eletro- magnética, a nuclear fraca e a forte que sustentam a cosmogênese, representariam a ação articulada deste espírito no universo. Porque está antes no universo, está também na Terra, parte desse universo e, naturalmente, também em nós que somos parte da Terra viva.

Então podemos dizer que o próprio universo através da Terra, portadora de espírito e consciência, se contempla a si mesmo, dá-se conta de sua *grandeur* e beleza.

Esta subjetividade possui história, quer dizer, encontra-se dentro do imenso processo cosmogênico onde todos estão interligados, trocando informações e com isso se enriquecendo, ao ponto de, num momento de altíssima complexidade, a consciência que se escondia em todas as coisas, veio à toma de forma autoconsciente.

Esse momento representa a emergência do ser humano, a porção consciente da Terra que, por sua vez, é a porção consciente do universo.

Ninguém duvida de que o ser humano tem subjetividade e história. Ora, este ser humano é a própria Terra que sente, pensa, ama, cuida e venera. Uma das maiores conquistas morais da história foi reconhecer a dignidade humana que se expressa por direitos fundamentais e inalienáveis. Esses direitos humanos, pelo fato de sermos Terra, devem ser atribuídos também à Terra. Os modernos a chamaram de Gaia, a entidade grega que representa a vitalidade e a sua biocapacidade, verdadeiramente Mãe geradora, por gerar todos os seres vivos existentes sobre seu solo, no subsolo, nos rios, mares e oceanos.

### **O século XXI como o século dos direitos da Mãe Terra**

A afirmação mais impactante do discurso do ex-presidente da Bolívia Evo Morales Ayma, no dia 22 de Abril de 2009, na Assembleia Geral da ONU, ao se proclamar este dia como o Dia Internacional da **Mãe Terra**, e não simplesmente o Dia da Terra, talvez tenha sido a seguinte:

*“Se o século XX é reconhecido como o século dos direitos humanos, individuais, sociais, econômicos, políticos e culturais, o século XXI será reconhecido como o século dos direitos da Mãe Terra, dos animais, das plantas, de todas as criaturas vivas e de todos os seres, cujos direitos também devem ser respeitados e protegidos”.*

Aqui já nos defrontamos com o novo paradigma, centrado na Terra e na vida. Não estamos mais dentro do antropocentrismo exacerbado pela modernidade, que desconhece o valor intrínseco de cada ser, independentemente do uso que fizermos dele. Cresce mais e mais a clara consciência de que tudo o que existe merece existir e tudo o que vive merece viver. E a nós cabe acolher sua existência, defendê-la e garantir-lhe as condições de continuarem a evoluir.

Consequentemente, devemos enriquecer nosso conceito de democracia no sentido de uma biocracia ou democracia socioecológica, porque todos os elementos da natureza, em seus próprios níveis, entram a compor-se com a sociabilidade humana. Nossas cidades seriam ainda humanas sem as plantas, os animais, os pássaros, os rios e o ar puro?

Hoje sabemos, pela nova cosmologia, que todos os seres possuem não apenas massa e energia. São portadores também de informação, possuem, por causa das permanentes interações entre si, níveis de subjetividade e de história. Eis a base científica que justifica a ampliação da personalidade jurídica a todos os seres, especialmente aos vivos e, no caso, à Terra viva.

Michel Serres, filósofo francês das ciências, afirmou com propriedade: “A Declaração dos

Direitos do Homem teve o mérito de dizer ‘*todos os homens têm direitos*’ mas o defeito de pensar ‘*só os homens têm direitos*’”. Custou muita luta o reconhecimento pleno dos direitos dos indígenas, dos afrodescendentes e das mulheres, como agora está exigindo muito esforço o reconhecimento dos direitos da natureza, dos ecossistemas e da Mãe Terra.

Da mesma forma que inventamos a *cidadania*, no governo do Acre, cujo governador era Jorge Viana, inventou-se e cunhou-se a expressão *florestania*, quer dizer, a forma de convivência dos povos da floresta com a floresta amazônica e com todos os seres, bens e serviços que ela oferece.

## **A América Latina na vanguarda do constitucionalismo ecológico**

Damos por pressuposto que o acordo e a reciprocidade que devem existir entre os seres humanos e a Terra viva foi rompido. Ocorreu uma disjunção entre o contrato natural e o contrato social.

O percurso das sociedades modernas seguiu outro caminho. Todas elas se fundam sobre o contrato social de cunho antropocêntrico e sociocêntrico. É uma visão reducionista, pois não incluem o contrato natural, a natureza e a Terra.

Os grandes contratualistas, como Kant, Hobbes, Adam Schmit e Rousseau, restringiam, no entanto, o direito e a ética apenas às relações entre os humanos. Somente se admitia obrigações humanas para com os demais seres, especialmente os animais, no sentido de não destruí-los ou submetê-los a sofrimentos e crueldades desnecessárias.

A desconsideração de que cada ser possui valor intrínseco, independente de seu uso humano, uso racional e sustentável e a falta de consciência de que é portador de direito de existir dentro da mesma Casa Comum, abriu o caminho para que a Terra e a natureza fosse tratada como mero objeto, entregue ao bel-prazer humano, campo de exercício da liberdade, da criatividade e da exploração ilimitada por parte do ser humano, o único portador de dignidade e de direitos.

Coube, entretanto, à América Latina, como o mostrou um notável criminalista e juiz da corte suprema da Argentina, Eugenio Raúl Zaffaroni (*La Pachamama y el Humano*, Ediciones Colihue 2012), desenvolver um pensamento constitucionalista de natureza ecológica no qual a Terra e todos os seres da natureza, particularmente os vivos e os animais são titulares de direitos.

Estes devem ser incluídos nas constituições modernas que deixaram para trás o arraigado antropocentrismo, o sociocentrismo e o paradigma do *dominus*, do ser humano como *senhor e dominador* da natureza e da Terra e não do *frater*, o irmão e a irmã dos demais seres. Esta visão mereceu uma dura crítica por parte do Papa Francisco em sua “Carta Magna” *Laudato Si o cuidado com a Casa Comum* (nn.115-136), considerando o antropocentrismo moderno uma das causas principais da atual crise ecológica.

Esta centração do ser humano sobre si mesmo, colocado fora e acima da natureza, faz com que “ele dificilmente saberá escutar os gritos da própria natureza; tudo está interligado; se o ser humano se declara autônomo da realidade e se constitui dominador absoluto, desmorona-se a própria base de sua existência, porque em vez de realizar

o seu papal de colaborador de Deus na obra da criação, ele substitui-se a Deus, e deste modo acaba provocando a revolta da natureza”(op. cit. n. 117).

### **Os novos ecoconstitucionalistas latino-americanos**

Os novos constitucionalistas latino-americanos ligam duas correntes: a mais ancestral dos povos originários, para os quais a Terra (Pacha) é mãe (Mama) - daí o nome de Pachamama -, sendo titular de direitos porque é viva, nos dá tudo o que a nossa vida precisa e, finalmente, pela razão de sermos parte dela e de pertencermos a ela. Bem como os animais, as florestas, as águas, as montanhas e as paisagens. Todos merecem existir e conviver conosco na mesma Casa Comum, constituindo a grande democracia comunitária e cósmica.

Os novos constitucionalistas aliam esta ancestral e fecunda tradição da cultura andina, que vai da Patagônia ao México, à nova compreensão derivada da cosmologia contemporânea, da biologia genética e molecular, da teoria dos sistemas, da complexidade e do caos, que entende a Terra como um superorganismo vivo que se autorregula (autopoiesis de Maturana-Varela, Lovelock e Capra) de forma a sempre manter a vida e a capacidade de reproduzi-la e fazê-la coevoluir.

Esta Terra-Gaia engloba todos os seres, gera e sustenta a teia da vida em sua incomensurável biodiversidade. Ela, como Mãe generosa, deve ser respeitada, reconhecida em suas virtualidades e em seus limites, e por isso acolhida como sujeito de direitos - a *dignitas Terrae* (a dignidade da Terra) -, base para possibilitar e sustentar todos os demais direitos pessoais e sociais.

### **A ecologia nas constituições da Bolívia e do Equador**

Dois países latino-americanos, o Equador e a Bolívia, fundaram um verdadeiro constitucionalismo ecológico; por isso estão à frente de qualquer outro país dito “desenvolvido”.

A Constituição de Montecristi<sup>1</sup> da *República do Equador* de 2008 diz explicitamente em seu preâmbulo: “Celebramos a natureza, a Pacha Mama, da qual somos parte e que é vital para nossa existência”. Em seguida enfatiza que a República se propõe construir “uma nova forma de convivência cidadã, em diversidade e em harmonia com a natureza, para alcançar o *bien vivir*, o *sumac kawsay* (o viver pleno).

O artigo 71º do capítulo VII dispõe: “a natureza ou a Pachamama, donde se reproduz e se realiza a vida, tem direito a que se respeite integralmente sua existência, a manutenção e regeneração de seus ciclos vitais, estrutura, funções e processos evolutivos; toda pessoa, comunidade, povo ou nacionalidade poderá exigir da autoridade pública o cumprimento dos direitos da natureza... O Estado incentivará as pessoas naturais e jurídicas, e aos coletivos, para que protejam a natureza e promoverá o respeito a todos os elementos que formam um ecossistema”.

---

1 Cidade em que foram realizados os trabalhos da Constituinte.



Comovedoras são as palavras do preâmbulo da Constituição Política do *Estado Multinacional Boliviano*, aprovada em 2009: “cumprindo o mandato de nossos povos, com a fortaleza de nossa Pachamama e graças a Deus, refundamos a Bolívia”.

O artigo 33º prescreve: “as pessoas têm o direito a um meio ambiente saudável, protegido e equilibrado. O exercício deste direito deve permitir aos indivíduos e às coletividades das presentes e futuras gerações, incluídos outros seres vivos, a desenvolverem-se de maneira normal e permanente”.

O artigo 34º dispõe: “qualquer pessoa, a título individual o em representação de uma coletividade, está facultada a exercer ações legais em defesa do meio ambiente”.

Aqui temos um verdadeiro constitucionalismo ecológico que ganhou corpo e letra nas respectivas Constituições, na boliviana e na equatoriana. Tais visões são antecipatórias daquilo que deverá ser para todas as constituições futuras da humanidade.

Somente com tal mente e disposição se articulará o contrato natural com o contrato social. Desta forma garantiremos um destino comum feliz para as várias sociedades desta única Casa Comum, a Mãe Terra, titular de direitos a serem respeitados.

## **A N E X O S**

### **1.**

#### **Os animais, portadores de direitos**

A aceitação ou não da dignidade dos animais depende do paradigma (visão do mundo e valores) que cada um assume. Há dois paradigmas que vêm da mais alta antiguidade e que perduram até hoje.

O *primeiro* entende o ser humano como parte da natureza e junto dela, um convidado a mais a participar da imensa comunidade de vida que existe já há 3,8 bilhões de anos. Quando a Terra estava praticamente pronta com toda sua biodiversidade, irrompemos nós no cenário da evolução como um membro a mais da natureza. Seguramente com uma singularidade, a de ter a capacidade de sentir, pensar, amar e cuidar. Isso não nos dá o direito de julgarmo-nos donos dessa realidade que nos antecedeu e que criou as condições para que surgíssemos. A culminância da evolução seu deu com o surgimento da vida e não do ser humano. A vida humana é um subcapítulo do capítulo maior da vida.

O *segundo* paradigma parte de que o ser humano é o ápice da evolução e todas as coisas estão à sua disposição para dominá-las e poder usá-las como bem lhe aprouver. Ele esquece que para surgir precisou de todos os fatores naturais, anteriores a ele.

As duas posições têm representantes em todos os séculos, com comportamentos muito diferentes entre si. A primeira posição encontra seus melhores representantes no Oriente, com o budismo e nas religiões da Índia. Entre nós além de Bentham, Schopenhauer e Schweitzer, seu maior futor foi Francisco de Assis, dito pelo Papa Francisco

em sua encíclica “Sobre o cuidado da Casa Comum” como alguém “que vivia uma maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo... exemplo de uma ecologia integral”(n.10). Mas não foi este comportamento terno e fraterno de fusão com natureza que predominou.

O segundo paradigma, o ser humano “mestre e dono da natureza” no dizer de Descartes, ganhou a hegemonia. Vê a natureza de fora, não se sentindo parte dela, mas seu senhor. Está na raiz no antropocentrismo moderno. O ser humano ocidental dominou a natureza, submeteu povos e explorou todos os recursos possíveis da Terra, a ponto de hoje ela alcançar uma situação crítica de carência de sustentabilidade. Seus representantes são os pais fundadores da cosmovisão moderna como Descartes, Newton, Francis Bacon e outros, bem como o industrialismo contemporâneo que trata a natureza como mero balcão de recursos em vista do enriquecimento.

O primeiro paradigma – o ser humano parte da natureza - vive uma relação fraterna e amigável com todos os seres. Deve-se alargar o princípio kantiano: não só o ser humano é um fim em si mesmo, mas todos os viventes, particularmente os animais, e por isso devem ser respeitados.

Há um dado científico que favorece esta posição. Ao decodificar-se o código genético por Drick e Dawson nos anos 50 do século passado, verificou-se que todos os seres vivos, da ameba mais originária, passando pelas grandes florestas e pelos dinossauros e chegando até nós humanos, possuímos o mesmo código genético de base: os 20 aminoácidos e as quatro bases fosfatadas. Isso levou a Carta da Terra, um dos principais documentos da Unesco sobre a ecologia moderna, a afirmar que “temos um espírito de parentesco com toda a vida” (Preâmbulo). O Papa Francisco é mais enfático: “caminhamos juntos como irmãos e irmãs e um laço nos une com terna afeição, ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão rio e à Mãe Terra”(n.92).

Nesta perspectiva, todos os seres, e mais proximamente os animais, na medida que são nossos primos e irmãos/as e possuem seu nível de sensibilidade e inteligência, são portadores de dignidade e de direitos. Se a Mãe Terra goza de direitos, como afirmou a ONU, eles, como partes vivas da Terra participam destes direitos.

O segundo paradigma - o ser humano senhor da natureza - tem uma relação de uso com os demais seres e os animais. Se conhecemos os procedimentos da matança de bovinos e de aves, ficamos estarecidos pelos sofrimentos a que são submetidos. Adverte-nos a Carta da Terra: “proteger animais selvagens de métodos de caça, armadilhas e pesca que causem sofrimento extremo, prolongado e evitável”(n.15b).

Aí nos recordamos das palavras sábias do cacique Seattle (1854): “*Que é o homem sem os animais? Se todos os animais se acabassem, o homem morreria de solidão de espírito. Porque tudo o que acontecer aos animais, logo acontecerá também ao homem. Tudo está relacionado entre si*”.

Se não nos convertermos ao primeiro paradigma, continuaremos com a barbárie contra nossos irmãos e irmãs da comunidade de vida: os animais. Na medida em que cresce a consciência ecológica mais e mais sentimos que somos parentes e assim nos devemos tratar, como São Francisco que tratava todos os seres com o doce nome de irmãos e irmãs, inclusive o feroz lobo de Gubbio.

## 2.

**Coronavirus, dengue, sars, ebola: uma reação e represália de Gaia?**

Hoje é um dado da consciência coletiva dos que cultivam uma ecologia integral, como tantos cientistas como Brian Swimme e o Papa Francisco em sua encíclica “Sobre o cuidado da Casa Comum”, que tudo está relacionado com tudo. Todos os seres do universo e da Terra, também nós, seres humanos, somos envolvidos por redes intrincadas de relações em todas as direções de sorte que nada existe fora da relação. Esta é também a tese básica da física quântica de Werner Heisenberg e de Niels Bohr.

Isso o sabiam os povos originários como vem expresso nas palavras sábias do cacique Seattle de 1856: *“De uma coisa sabemos: a Terra não pertence ao homem. É o homem que pertence à Terra. Todas as coisas estão interligadas como o sangue que une uma família; tudo está relacionado entre si. O que fere a Terra fere também os filhos e filhas da Terra. Não foi o homem que teceu a trama da vida: ele é meramente um fio da mesma. Tudo o que fizer à trama, a si mesmo fará”*. Vale dizer, há uma íntima conexão entre a Terra e ser humano. Se agredimos a Terra, nos agredimos também a nós mesmos e vice-versa.

A mesma percepção tiveram os astronautas de suas naves espaciais e da Lua: Terra e humanidade constituem uma mesma e única entidade. Bem o testemunhou o escritor russo sobre assuntos científicos Isaac Asimov em 1982, a pedido do New York Times, fazendo um balanço dos 25 anos da era espacial: “O legado é a percepção de que, na perspectiva das naves espaciais, a Terra e a Humanidade formam **uma única entidade** (New York Times, 9 de outubro de 1982). Nós somos Terra. Homem vem de **húmus**, terra fértil, ou o **Adam** bíblico significa o filho e a filha da Terra fecunda. Depois desta constatação, nunca mais sairá de nossa consciência que o destino da Terra e da humanidade é indissociavelmente comum.

Infelizmente ocorre aquilo que o Papa em sua encíclica ecológica lamenta: “nunca maltratamos e ferimos nossa Casa Comum como nos últimos dois séculos”(n.53). A voracidade do modo de acumulação de riqueza é tão devastadora que inauguramos, dizem alguns cientistas, uma nova era geológica: a do **antropoceno**, e alguns vão mais longe, o **necroceno**. Quer dizer, o ser humano é o responsável pelos desequilíbrios ecológicos e o causador de morte em massa seja na natureza, seja nas sociedades humanas. Milhões morrem de fome, de sede, vítimas da violência bélica ou social em todas as partes do mundo. E insensíveis e indiferentes, nada fazemos.

Não sem razão James Lovelock, o formulador da teoria da Terra como um superorganismo vivo que se autorregula, Gaia, escreveu um livro “*A vingança de Gaia*” (Intrínseca 2006). Estimo que as atuais doenças como a dengue, a chikungunya, a zica vírus, sars, ebola, sarampo, o coronavírus e a generalizada degradação nas relações humanas, marcadas pela profunda desigualdade/injustiça social e pela falta de solidariedade mínima, sejam uma reação e uma represália de Gaia pelas ofensas que ininterruptamente lhe infligimos. Não diria como J.Lovelock ser “a vingança de Gaia”, pois ela, como Grande Mãe, não se vinga, mas nos dá severos sinais de que está doente (tufões, derretimento das calotas polares, secas e inundações etc.) e, no limite, pelo fato de não aprendermos a lição, nos faz uma represália como as doenças referidas.

Evoco o livro-testamento de Théodore Monod, já falecido, talvez o único grande naturalista contemporâneo, em seu livro “*E se aventura humana vier a falhar*” (Paris, Grasset 2000): “*Somos capazes de uma conduta insensata e demente; pode-se a partir de agora temer tudo, tudo mesmo, inclusive a aniquilação da raça humana; seria o justo preço de nossas loucuras e de nossas crueldades*”(p.246).

Isso não significa que os governos do mundo inteiro, resignados, deixem de combater o coronavírus, proteger as populações e buscar urgentemente uma vacina para enfretá-lo, não obstante suas constantes mutações. Além de um desastre econômico-financeiro, pode significar uma tragédia humana, com um incalculável número de vítimas.

Mas a Terra não se contentará com estes pequenos presentes. Ela suplica uma atitude diferente face a ela: de respeito a seus ritmos e limites, de cuidado por sua sustentabilidade e de sentirmo-nos mais que filhos e filhas da Mãe Terra, mas a própria Terra que sente, pensa, ama, venera e cuida. Assim como nos cuidamos, devemos cuidar dela. Ela não precisa de nós. Nós precisamos dela. Ela pode não nos querer mais sobre sua face. E continuará a girar pelo espaço sideral, mas sem nós, porque fomos ecocidas e geocidas.

Como somos seres de inteligência e amantes da vida e os cristãos creem ser Deus um apaixonado amante da vida (Sabedoria 11,24), podemos mudar o rumo de nosso destino, desde que aprendamos as lições que Gaia nos está dando e, efetivamente, inaugurarmos uma nova relação de amor e cuidado para com a Mãe Terra.

**Leonardo Boff**, membro da Iniciativa Internacional da Carta da Terra e escreveu: *Grito da Terra-grito dos Pobres: dignidade e direitos da Mãe Terra*, Vozes 2015; *A opção Terra: a solução para a Terra não caiu do céu*, Record 2009; *Como cuidar da Casa Comum*, Vozes 2017.